

Assange contra as Fúrias Vingadoras

As Fúrias estão atrás de Julian Assange. São três divindades horríveis, zangadas e vingativas. A mitologia grega os chama de Alecto, Megera e Tisífone.

O poder quer a Assange morto. Isto foi denunciado por personalidades próximas a ele e comprometidas com sua causa, como Yanis Varoufakis, ex-ministro grego da economia, Stefania Maurizi, uma jornalista italiana que o defendeu desde o início, e Roger Waters, a estrela de Pink Floyd. A Assange querem morto, assim dizem e repetem sua mãe, seu pai, sua companheira. As Nações Unidas, através de Nils Melzer, especialista em tortura e maus-tratos, declararam que a vida de Assange está em risco.

A disjuntiva que o Poder lhe oferece não é absolvição ou condenação; liberdade ou cativeiro; os Estados Unidos ou a Inglaterra. Ela se situa entre três formas de morte: pena de morte, suicídio forçado ou enterro em vida. Três, como as Fúrias, Erinias ou Eumenides. A pena de morte poderia ser representada em Alecto, a de cabelo de cobra. O suicídio forçado, em Megera, aquele que chora sangue. E o enterro vivo em Tisífone, o portador de chicote.

Hoje Assange comemora uma vitória parcial. A extradição para os Estados Unidos, que pairava sobre ele como uma espada de Dâmocles, foi negada por uma juíza na Grã-Bretanha. O resultado do recurso está pendente. Extradição significaria para Assange a pena de morte, a punição máxima e exemplar contra aqueles que são marcados como espiões, traidores e inimigos de sua nação. Os Estados Unidos, que precisam manter seus próprios crimes em segredo, acusam o homem que os revela de ser um criminoso.

O sistema de justiça britânico rejeitou a extradição com o argumento de que Assange poderia tirar sua própria vida se estivesse preso em uma das duras prisões americanas. É aqui que a sombra de Magera, a Fúria do suicídio forçado, paira. O veredicto não se baseia na alegação de que Assange é inocente. Tampouco reconhece que qualquer condenação contra ele equivaleria a demolir as bases da liberdade de imprensa. Ela ignora o absurdo legal dos Estados Unidos exigindo que a Inglaterra lhe entregue um jornalista australiano que revelou segredos militares no Afeganistão e no Iraque. E abre um precedente para que qualquer jornalista em qualquer lugar que denuncie crimes de qualquer país possa ser extraditado... a menos que ele cometa suicídio.

No cruelmente infantil jogo da forca, um bonequinho deve ser desenhado, parte por parte, enquanto o jogador falha: os braços, as pernas, a cabeça, os olhos e, no final, o andaime: uma corda ao redor do pescoço que dá sentido ao passatempo. Assange, atormentado, encurralado e empurrado até o limite de sua resistência, não encontraria outra saída senão infligir a morte a si mesmo. Essa é a suposição. A ironia é que a própria Justiça se esquiva, atormenta e pressiona Assange à beira do suicídio, e depois procura protegê-lo, impedindo-o de cometer suicídio. Lava as mãos, como Pôncio Pilatos: Não vamos extraditá-lo, não porque você é inocente, mas porque você é fraco. Da mesma forma, o todo-poderoso e benevolente estado britânico o isenta do tormento porque é propenso à depressão e propenso ao suicídio. Assim, você sai do problema sem reconhecer que o contrário é verdadeiro: fortaleza por parte de Assange e fragilidade dos estados consumidos na sujeira de seus segredos.

Isto estabelece um precedente e tem precedentes. Ela está enraizada em uma antiga forma de execução que dava à vítima a escolha entre cometer suicídio ou uma alternativa pior, como a pena de morte, tortura, banimento, desonra ou prisão perpétua. Suicídio forçado: se você não se mata, nós o matamos. Visto de

outro ângulo, o suicídio foi assumido como um ato de desafio, uma derrota da autoridade que o derrota: se não há mais nada para queimar, você põe fogo em seu próprio coração. Este é o caso de Sócrates, quando, preso em Atenas sob a acusação de corromper a juventude com seus ensinamentos, ele acaba com a farsa bebendo cicuta. Sêneca, o grande tribuno, condenado à morte em Roma por sua suposta participação em uma conspiração contra Nero, corta suas veias e sangra até a morte em uma banheira. Lembra-se de Frank Pentangeli em O Poderoso Chefão II? Em 1925, Yukio Mishima, um escritor japonês, nostalgicamente pró-imperial, se encontra com um pequeno grupo de samurais após o fracasso de sua revolta, e seguindo um código de ética que exige morrer com honra antes de aceitar a derrota, cometer suicídio por harakiri, o ritual de desentranhamento.

Este cenário de suicídio forçado descende até os nossos dias e se generaliza entre aqueles que revelam os crimes do Estado. Em 2010, a americana Chelsea Manning, soldado transgênero e analista de inteligência, descobriu provas de atrocidades, torturas e massacres cometidos por seu exército no Afeganistão e no Iraque. Ela não queria ser uma burocrata que, fechando os olhos e limitando-se a cumprir ordens, encarnou o que Hanna Arendt chamou de banalidade do mal. Em vez disso, apesar do alto risco que ela corria, ela tomou a decisão de passar o material para o Wikileaks, o site de Julian Assange.

Um dos materiais que ele lhe deu foi o vídeo hoje conhecido como Collateral Murder. Ele mostra um episódio de 2007, em Bagdá. O pessoal de um helicóptero Apache do exército americano massacra entusiasticamente, como em um videogame, doze civis iraquianos. Entre eles estavam dois jornalistas da Reuters que caminhavam pacificamente por uma rua, e que mais tarde tentariam fazer passar por terroristas em um caso típico de falsos positivos. O outro lado dessa história é significativo. Devido a esse vídeo e materiais similares, Trump está pedindo a extradição de Assange. Mas mais tarde ele

concedeu um perdão presidencial aos mercenários de Blackwater, que foram condenados por massacrar 14 civis em uma praça de Bagdá em 2007. Como resultado, Trump considera o crime cometido perdoável, mas severamente punível por denunciá-lo.

Descoberta por seus vazamentos, Manning é acusada de 22 delitos e é desonrosamente exonerada. Uma de suas transgressões justifica uma sentença de morte: traição por ajudar o inimigo. Reduzida ao confinamento total em uma instalação de segurança máxima, ela é liberada após sete anos, após liderar uma greve de fome e cometer duas tentativas de suicídio.

Em 2013, o programador e prodígio americano Aaron Swartz, conhecido como o Filho da Internet, considerou uma atitude miserável não compartilhar conhecimento como ele havia recebido em universidades de elite. Ele foi preso por quatro acusações de fraude informática e tentativa de publicar bancos de dados privados. O Estado aumentou a pena inicial de um milhão de dólares e 35 anos de prisão para quatro milhões e 50 anos. Tal foi a pressão, tão esmagadora foi o beco sem saída, que Swartz cometeu suicídio enforcando-se em uma corda, como no macabro jogo da forca.

Milhares de pessoas anônimas, enfurecidas pelo suicídio forçado de Swartz, desataram uma barragem de ataques cibernéticos aos sites de agências de inteligência. Instada a dar o exemplo e a dar um nome a uma multidão anônima, a Justiça escolheu como vítima Lauri Love, um jovem hacker britânico e autista chamado nada mais nada menos que Love. Love tinha feito truques severos com um computador que ele mantinha escondido em um armário na casa de seus pais em Londres, e foi preso sob a acusação de roubo maciço de dados oficiais. Em claro precedente ao que acabou de acontecer com Assange, a Inglaterra negou sua extradição por motivos de saúde mental que o levariam à depressão extrema e ao suicídio.

Entre agora na cena do Tisífone, a Fúria do chicote e do

enterro em vida. A terceira morte. Assange foi dispensado da extradição, mas negada a liberdade condicional, e permanece na prisão de Belmarsh, o Guantanamo inglês, onde tem estado preso durante os últimos três anos, mantido durante 23 horas por dia em total isolamento e privação sensorial. Em sua cela, sua luta contra o Tisífone é constante. Se ele quer sobreviver, ele deve mantê-la à distância. Yanis Varoufakis, que o visitou em Belmarsh em junho passado, pôde ver como ele resiste minuto a minuto, determinado a preservar sua integridade e lucidez a todo custo. “Assim que solto minha guarda, eu a perco”, disse Varoufakis. Pedro Miguel, do diário mexicano La Jornada, conhece Assange pessoalmente e acredita que “ninguém está melhor preparado do que ele para a situação que ele tem que enfrentar”.

Eles me acusam de ser um demônio, um monstro. A frase é do próprio Assange. Mas o monstro vem da exibição. Monstro é aquele que mostra, e a provação de Assange nos mostra como o Poder manipula a Justiça. Qualquer uma das três formas de morte aplicadas a Assange seria um golpe de misericórdia para a liberdade de imprensa. Vê-lo vivo, lúcido e livre é a batalha de sua vasta rede de solidariedade, e de todo jornalista, pesquisador, divulgador, relator, escritor, artista, acadêmico ou hacker que acredita no direito de informar e ser informado. E que revelar a verdade não pode ser uma causa de morte.